Onomastica Geral da Geographia Brasileira

A organização do futuro diccionario da lingua portugueza ha de ser trabalho para alguma associação de homens de sciencias e lêtras, quando, daqui a annos, se houverem resolvido as grandes difficuldades que impedem actualmente o seu fazimento. Entre estes obstaculos, destacam-se dois principaes: a refórma e simplificação da orthographia, velha e sempre mallograda aspiração de portuguezes e brasileiros, e o estudo de uma verdadeira avalanche de vocabularios que por ahi andam espalhados, nos dois paizes.

Commentando, ha tempos, o projectado «Diccionario brasileiro da lingua portugueza», cujos *apontamentos para a edição definitiva* occupam 120 paginas de *A* a *Abantes*, escreveu o sr. Agrippino Grieco que o «nosso lexicon acabará tão difficilmente manuseavel quanto um montão de monolithos e serão necessarios guindastes para remover a serie de volumes da estante á mesa e vice-versa» (1).

Não quero analysar até que ponto serão justos esses receios, mas o facto incontestavel é que o numero de volumes de brasileirismos é assombroso, se se levar em conta o que existe appenso a li

vros, á laia de elucidarios. Vocabularios de termos brasileiros de uso geral e de uso restricto de tribus indigenas encorporados, com as devidas corruptelas ou como étymos, ao nosso falar, desde o tempo do padre João d'Aspicuelta Navarro e Tevet, em 1555 e 1577, respectivamente, até os nossos tormentosos dias, surgem com facilidade pasmosa. Conheço vocabularios tupís, guaranys, kraôs, guyanãs, ingains, caingangs, tatús-tapyias, dessanas, patzókas, arés, carahus, apinagés, caiapós, cabeuas, bororós, etc., além daquelles que são especialmente geographicos, medicos, zoologicos, de simples regionalismos e até de calões e plebeismos. Isto somente no Brasil. Sendo, porém, justo que o diccionario de uma lingua que não é unicamente nossa, condense por igual os dialectos de Portugal, provavelmente numerosos, é intuitivo que o lexicon futuro seria uma cousa por ventura tão pesada quanto o tal volume prefigurado pelo sr. Agrippino Grieco.

Tenho aqui á mão o «Dialecto indo-português de Ceylão», por Sebastião Rodolpho Dalgado, o qual toma 265 páginas!

A' primeira vista parecerão, pois, razoaveis os temores do escriptor carioca a respeito das proporções do diccionario *brasileiro* da lingua *portuguêsa* e muito maís razoaveis ainda os dos que houverem de reflectir nas do lexicon que se há de fazer mais tarde, com uma tão grande cópia de subsidiarios.

Entretanto, não deve ser essa a preoccupação maxima dos que se interessam pelo assumpto, mas, sim, outra muito differente e que vem a ser a capacidade e criterio das referidas commissões ou sociedades litero-scientificas a que será commettida a dificillima tarefa.

Para elaborar um projecto de orthographia por-

tugueza, que pudésse ser officialmente adoptada, nomeou o governo portuguez uma commissão da qual faziam parte as maiores autoridades em philologia romanica, como Gonçalves Vianna, Adolpho Coêlho, Candido de Figueirêdo, Carolina Michaelis, Leite Vasconcellos e outros; por seu turno, a Academia de Sciencias de Lisbôa nomeou outra commissão, igualmente conspicua e para o mesmo fim. Anteriormente, já a Academia Brasileira de Lêtras havia tentado uniformizar e simplificar a orthographia, estabelecendo regras contra as quaes os proprios academicos, logo depois, se insurgiram, desertando dellas para a escripta eclética usual

De sorte que essas tentativas fracassaram depressa, facto que José Verissimo attribuia á má vontade dos escriptores e jornalistas não academicos, á revelia dos quaes fôra feita a refórma, já hoje inteiramente defunta.

Penso que não foi somente aquelle o motivo do mau êxito da refórma orthographica, mas tambem, e principalmente, a falta da sancção official e de continuidade. Se os academicos, entre que se acha a gente que mais escreve no Brasil, insistissem pela sua orthographia, em livros e jornaes, essa tácita propaganda acabaria por dar os melhores fructos, senão impondo as regras do abalizado cenaculo, pelo menos radicando e divulgando a necessidade da unformização e simplificação e suscitando modificações que o estudo e a experiencia houvessem indicado.

Que a culpa foi delles, dos academicos, demonstra-o o proprio sr. José Verissimo, quando conta que «em S. Paulo, terra a mais progressista de entre todas as brasileiras, tendo o director de um grupo escolar consultado a direcção do ensino publico se podia admittir a orthographia da Academia, foi-lhe respondido negativamente, e uma das razões da recusa era não ter sido a refórma seguida nem

mesmo pelos que a fizeram». Euclydes da Cunha, sem dúvida um dos nomes de maior prestigio da Academia de Lêtras, escrevia, em Julho de 1909, aos editores Lello & Irmão, do Porto, que a nova graphia continuava a perturbá-lo grandemente na revisão do seu livro «A' margem da historia» e que a aceitava por coherencia e por habito de obedecer, visto que, attrahido por outros serviços, não tivera tempo ainda de exercitá-la.

O que nos occorre então ao espirito, ao examinarmos esses factos, é que a reforma da Academia não foi operada com a unidade de vistas conveniente, nem com amadurecimento e estudo, nem ainda com a devida convicção, uma vez que um dos seus mais preclaros membros se constrangia a ser coherente com ella e a obedecer-lhe.

Resulta disto que um trabalho de tal natureza e importancia não póde ser realizado sem grande vagar, sem muito estudo e esforço, sem firmeza de vontade e decidida resolução de quem tiver bastante poder para impô-lo ao publico. Claro que a unica autoridade capaz dessa consagração será o uso que, quando inveterado, constitúe lei; e os seus vehiculos serão os escriptores, principalmente os jornalistas, tomados do sincero interesse que lhes despertar o proprio valor do trabalho que se fizer sem radicalismos e sem desprêzo pelas tradições e por certas determinações linguisticas, faltas que J. Verissimo accusava igualmente do fracasso da reforma da Academia.

Mas, se á reforma orthographica, delineada pelas summidades glótticas dos dois paizes, se têm interposto tantos obstaculos, ao ponto de não passar de um ensaio mallogrado, que dizer do futuro diccionario ?

Porque a grandeza da tarefa não está em colleccionar vocabulos ainda não incluidos em diccionarios, mas em corrigir synonymias, exemplificar a apropriada significação, talvez desprezar alguns

(poucos) obsoletos e inteiramente desusados e substitui-los por outros que os costumes criaram para clareza e força da expressão. Além disto, no que particularmente se refere ao nosso paiz, onde há uma quantidade immensa de palavras originaes do maior vigor, a difficuldade será distinguir nessa babel de vocabularios os termos eruditos dos plebeismos e deturpações, as erronias de significação, dar-lhes a verdadeira accepção e evitar confusões nascidas ás vezes de simples metaplasmos.

A Academia Brasileira de Lêtras ensaiou a organização de um «Diccionario de Brasileirismos», cuja feitura abandonou.

E ainda bem. Porque o méthodo por ella adoptado não era de certo o melhor. Consistia no colleccionar cada academico, de per si, um certo numero de palavras do nosso uso privado, interpretando-as de accordo com o seu criterio pessoal e do sentido que lhe parecia terem nos livros nacionaes de que as exhumava. Succedia não raras vezes que a interpretação era falsa, devido á circunstancia de que o colleccionador desconhecia em absoluto o modo de expressar das regiões em que se empregavam taes palavras, e o resultado era sairem estas com significação differente.

Não há muito tempo, anotei na parte do «Diccionario» publicada em um dos numeros da «Revista da Academia» os termos cearenses, e enviei aquelle a um amigo residente no Rio de Janeiro, para que o offerecesse aos collecionadores.

Adoptando ultimamente melhor criterio, a Academia reiniciou a organização do «Diccionario de Brasileirismos», sendo as contribuições de cada academico lidas em sessão e convenientemente discutidas. Isto permittirá, pelo menos, que palavras rebuscadas em livros de regiões desconhecidas de certos membros da illustre corporação sejam rectificadas por outros que conheçam os costumes des-

sas regiões e, portanto, a verdadeira accepção dos vocabulos.

O trabalho da Academia Brasileira de Lêtras não devia, porém, ser esse de respigar palavras em livros nacionaes, e sim o de resumir num volume, depois de bem cuidado estudo, os numerosos vocabularios existentes, corrigindo o que está imperfeito e eliminando o que não presta.

Encontra-se já muita cousa util dispersa em livros, folhetos, revistas e jornaes; creio mesmo que bem poucas palavras da nossa linguagem ainda não estarão registadas, de fórmas que, ao revés de collecionar, como brasileirismos, termos que se encontram, com o mesmo sentido, em velhos diccionarios portuguezes, como o notou Affonso Costa em 1911, faria a illustre corporação o trabalho que, de facto, lhe compete.

Foram-me suggeridas estas considerações pela leitura de um grande livro que um amigo me enviou da Bahia, a «Onomastica Geral da Geographia Brasileira», de Bernardino José de Souza.

O autor é professor cathedratico da Faculdade de Direito e do Gymnasio daquelle Estado e Secretario Perpetuo do Instituto Historico e Geographico da Bahia. Conheço-o, porém, mais por referencias, sempre largamente encomiasticas, de pessôas que não costumam prodigalizar louvores e, por isto, há muito que o tenho como escriptor e scientista illustrado, intelligente e consciencioso. Esta sua obra o prova. E' trabalho através do qual se percebe o esforço que ao autor custou, no afan de investigar, de acertar, de elucidar e de fazer uma obra o mais possivel perfeita.

De facto, a «Onomastica Geral da Geographia Brasileira» não se confunde com tantos outros trabalhos semelhantes, geographicos ou não, e não obstante tambem dignos de estima, que há no nosso paiz.

Ao concluir a leitura da excellente obra, acha-

va-me tentado a communicar ao seu autor a impressão que me ficára, o que ora faço, não com o intuito de apontar insufficiencias e enganos, para que me fallece competencia, mas para submetter ao seu esclarecido exame notas modestissimas e suggeridas pela reminiscencia de antigas leituras. Em certos passos, poderá o eminente escriptor, se as julgar merecedoras de apreço, submetter a mais demorada anályse, no que respeita ao Ceará e á Amazonia, alguns termos susceptiveis de dúvida, não direi por má fé nem ignorancia dos que os registaram com significação impropria, senão por má comprehensão ou insufficiente conhecimento da linguagem local.

Reflectem ditas notas a grande attenção que me despertou a obra e um pouco do interesse que tambem tenho pelo assumpto que o dr. Bernardino José de Souza abordou com tamanha illustração e talento.

Comecemos por um termo que representa uma das maiores preoccupações dos cearenses:

AÇUDE: o autor transcreve o seguinte trecho de uma conferencia feita pelo dr. Arrojado Lisbôa, na Bibliotheca Nacional, em 1913: «E' conveniente lembrar aqui que nós de outros Estados difficilmente comprehendemos as cousas do nordeste. Independentemente de outras razões, a isso se oppõe, por vezes, a variabilidade da significação dos proprios termos Quando, aqui no sul, pronunciamos a palavra açude, a imagem que se fórma em nossa mente é a de um lago artificial, cheio d'agua, de nivel constante todo o anno e de onde invariavelmente se desvia o liquido para tocar uma roda de moinho. Para o homem do nordeste a palavra tem significação muito differente que, sem explicação, ninguem no sul será capaz de comprehender. Para o sertanejo a imagem que vem á mente ao enunciar a palavra é muito outra. E' justamente a opposta, a da vazante onde faz a sua cultura». Sem dúvida,

a observação do notavel engenheiro patricio, um dos maiores conhecedores do nordeste, das suas cousas, dos seus costumes, das suas necessidades, não se refere especialmente ao Ceará, mas aos outros Estados desta bôa e infeliz região nacional. Com effeito, aqui facilmente se distingue açude de vazante: uma barragem com alguns milhões de m^3 dagua a montante,—o açude; e, além da agua ou ás suas margens, o terreno humido e humoso deixado pelo recúo della,—a vazante. Penso, entretanto, que o dr. A. Lisbôa quiz dar a suggestão, a visão psychologica, mental, que nos occorre á simples enunciação da palavra.

AGUA-PÉ: a «Onomastica define: «trama e tecido vegetal composto de plantas aquaticas» etc. Não é á trama e tecido que se dá esse nome, mas á propria planta. Este termo consta do «Vocabulario Popular» do prantead jornalista cearense Raymundo Magalhães, publicado no Pará em 1911.

ADJUTORIO: firmado na opinião de Beaurepaire-Rohan e num exemplo de Rodolpho Theophilo, o autor consigna esta palavra como synonymo de *adjunto*. *Adjutório* é, porém, mero plebeismo; quer dizer—ajuda, auxilio, ao passo que *adjunto* procede de ajuntamento

ARRAIAL: tambem consignado no «Voc. Popular» citado (2).

AVIADOR: termo da Amazonia, registado por Teschauer, com a significação de individuo que contracta e encaminha seringueiros,—reza a «Onomastica». Mas eis como o define Henri Coudreau: «*Aviador*: commerçant en gros fournissant à une clientèle de petits commerçants ou de travailleurs» (3). Esta é a verdadeira definição.

BAHIANA: Magalhães menciona este termo com a accepção cearense de capa de couro que serve para conducção de roupa e que se usa sobre a sella: *carona* (4).

BAMBURRAL: pequeno arbusto aromatico;

terreno onde viceja grande quantidade desse arbusto (5).

BANZEIRO: vento forte; bambo, cambaleando, quasi bebedo (6).

BARRAGEM: o sr. dr. Bernardino de Souza estranha o uso deste termo como synonymo de represa, dique, tanto que o menciona com uma certa surpreza pelo facto de ter sido elle assignalado pelo sr. Affonso Taunay. Pois confesso lealmente que lhe não conheço outra significação. E digo mais, com franqueza, que, recorrendo aos meus diccionarios, não encontrei a tal «commum portuguesa», a que se refere o illustrado autor da «Onomastica». Ou não fui capaz de comprehender o que a respeito escreveu o sr. dr. Bernardino de Souza ou elle está enganado. Porque o sentido desta palavra é universal e não é novo nem privativo do Brasil. Basta lembrar a Hollanda com as suas cidades: Amster*dam*, Rotter*dam*. *Dam*—significa dique, explica o sr. R. Ortigão (7). Na Inglaterra, houve um açude denominado *Dale Dike*, isto é dique ou barragem *Dale*. «No more dams I'll make for fish —não mais farei uma represa para peixes, versejou Sheaspeare (8). Ch. Frederico Hart, referindo-se ao rio Tocantins, escreveu: «A linha de rochas é formada por um estreito afloramento de diorito, que supponho formar um dique» (9). Em «The Century Dictionar an encyclopedic lexicon of the english language», de William Dwight Whitney, revisto e augmentado por Benjamin E. Smith (10), encontro a seguinte definição de barragem—*Dam*: «a mole, bank, or mound of earth or stone, or á wall, or a frame of wood or steal, constructed across a stream to obstruct its flow and thus raise its level, in order to make it available as a motive power, as for driving a millwheel; such an obstruction built for any purpose, as to form a reservoir, to protect a tract of land from overflow, etc.; in *law*, an artificial boundary or means of confinement of running water,

or of water which would otherwise flow away», isto é: um móle, dique ou barreira de terra ou pedra, parede ou structura de madeira ou aço, construida através de um rio para obstruir a sua corrente, levantar o seu nivel para torná-la capaz de produzir força motriz, como para impulsionar uma roda dagua. Tal obstrucção é feita para um fim qualquer; para formar uma represa, para proteger um tracto de terra da inundação, etc. (direito) uma fronteira artificial ou meio de reclusão de aguas que de outra fórma fugiriam.

Como se vê, em toda a parte e em todos os tempos, barragem é a mesma cousa que no Brasil.

BEATO: além da accepção cearense mencionada na «Onomastica», temos outra, registada por R. Magalhães: fio que se destrama dos tecidos (11).

BRABO: é assim que o define Magalhães: seringueiro novato e inexperiente; pessôa que ainda se não affez aos costumes da terra (Pará e Amazonas) (12).

BROCA: O «Voc. Popular» é mais completo que a «Onomastica»: a derrubada que se faz no matto; o primeiro trabalho que se faz nos terrenos de cultura. Mentira, patranha. Cada um dos buracos que os insectos fazem na madeira. Defeito, falha.

BUBUIA: á flôr dagua, á tona dagua, ao sabor da corrente (13).

CABRA E CABROCHA: tambem registados no «Voc. Popular».

CACHIMBO: uma das alcunhas dadas no nordeste aos soldados das policias estaduaes («Onomastica»). Não conheço esta accepção no Ceará; *cachimbo* aqui é synonymo de cachorro, termo de insulto.

CAFUNDÓ: tambem registado no «Vocabulario Popular».

CAIÇARA: segundo Magalhães: curral, certa especie de cêrca; cêrca de ramos que se faz nos rios para apanhar peixes (14). Combina em parte com a «Onomastica».

CAIPIRA: o habitante dos campos e sertões («Onomastica»). Rustico, roceiro; provinciano, muito tolo (Magalhães) (15). E' tambem o nome de um gavião da ilha de Marajó (16). Não é corrente este termo no Ceará.

CAJUEIRAL: o mesmo que *cajual*, diz a «Onomastica». Não é. Cajual é o que é relativo ao cajú; cajueiral – o que se refere ao cajueiro.

CANGAÇO, CANGACEIRO, CAPANGA: mencionados no «Vocab. Popular» com as mesmas significações da «Onomastica».

CAPOEIRA: é assim que se escreve no Ceará, salvo algumas pessôas que, por alarde de erudição, grapham caapoeira, com dois *aa*, mas sempre com *o*. Aliás, de conformidade com Barbosa Rodrigues (17) e com o engenheiro civil João de Carvalho Borges Junior, autor de um erudito parecer sobre o «Vocabulario Zoologico Guarany», do dr. Arnaldo Winkelried Bertoni: «Capoeira – *(caa-poeira)* que corresponde a uma ave sura, tambem denominada urú, é termo de larga controversia entre os americanistas philologos. Este termo, de accepção mais complexa, corresponde tambem a *matto pouco alto e pouco espêsso*, laço de união entre o cerrado e o capoeirão, e designa terra, cuja mata já anteriormente fôra derribada e vestiu-se com o tempo de novos vegetaes. Tambem capoeira significa jacá de bambú, e, por analogia, involúcro em que são transportadas aves domesticas. Esse mesmo termo já foi por longos annos applicado a bandos de assassinos e malfeitores, extinctos com o advento do novo regimen no Brasil, e a que se chamava «Matas de capoeiras» (18).

CARANDÁ—A proposito de «carandásal», escreve o autor da «Onomastica»: Rodolpho Garcia

e Teschauer dão apenas como significado—palmar de carandás, que ensinam ser a mesma bella e utilissima palmeira conhecida no norte do Brasil pelo nome de carnaúba». Certamente, ao tempo em que foi escripta e ainda quando foi publicada a «Onomastica», não estavam muito divulgados os estudos de Edoardo Beccari, aliás publicados em 1907, ácêrca desta palmeira. Há pouco tempo, o Dr. A. de Arruda Camara, em resposta á «Informação Goyana», transcreveu n'«O Paiz», do Rio, as differenças assignaladas por Beccari entre carnaúba e carandá, por este classificada *C. australis*. «Carandáhy» foi o nome dado por Marcgrave á *coripha cerifera*, assim classificada, em 1810, pelo Dr. Arruda Camara, que primeiro a descreveu, classificação desprezada mais tarde pela de Von Martius—*copernicia cerifera*.

CARCAMANO: as definições de R. Magalhães são mais exactas, quanto ás accepções cearenses: vendedor ambulante de fazendas e objectos de armarinho. Cotruco, mascate, teque-teque. Nome por que se designam os estrangeiros que se fazem difficilmente comprehender (Maranhão) (19).

CARIOCA: palavra tupica que, segundo Theodoro Sampaio, tem a mesma origem que *cariboca* e *carijó*, descendente do branco, o mestiço de procedencia do branco, podendo-se tambem traduzir a palavra *carioca*, a casa do branco ou do europeu («Onomastica»). A franqueza e convicção dessa definição provam que já não há dúvida ácêrca da significação desta palavra que teve, antigamente, tantas interpretações differentes. Baptista Caetano colleccionou as seguintes: A) aldeia cujo nome é derivado do de um ribeiro, por estar assente á sua margem, e que é interpretado a casa dos *karios* composto desta palavra *karios* e de *auq* que significa *casa;* tirando-se pois *os* e ajuntando-se *auq* formar-se-á *kariauk*. (Lery—«Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil (ed. de 1600) chap. XX,

pp. 398 e 399»). B) *Cary-O'ca* —ou—*Carióca:* que quer dizer—Agua corrente de pedra, significaram com o mesmo vocabulo o logar, de que corriam as aguas, denominando-o tambem *Mãe d'agua*, como appellidaram as sesmarias primeiras das terras circumvizinhas (Pizarro—Memorias Historicas do Rio de Janeiro, tom. VII (1822), pp. 51. c) *Carioca.* Composta de duas palavras indigenas *Cary* e *Oca* que significam segundo alguns etymologistas—*Casa d'agua corrente*, e segundo outros—*Agua corrente de pedra*—foi pelos portugueses chamada *Mãe d'agua*, como se lê nas antigas escripturas de sesmarias das terras circumvizinhas (Conego Fernandes Pinheiro—*A Carioca:* «memoria historica e documentada». Na *Revista* trimensal do Inst. Hist. do Braz. tom. XXV (1862) pp. 565. D) *Carioca, Caryoca* (Rio de Janeiro, Fonte da Cidade, Aqueducto) *caryca*, corre, *oca*, casa. Domus fontis. *Caryocas* nomen habitantium urbis Rio de Janeiro. (Martius—Glossaria linguarum brasiliensium, pp. 495). E) *Carioca* (Casa de branco) Varnhagen—Hist. geral do Brasil, t. I (ed. de 1876) pp. 86 in-fine. Depois de transcrever essas differentes versões, passa Baptista Caetano a analysá-las uma por uma, repellindo todas as explicações, inclusivè a do Visconde de Porto Seguro que é uma das agora aceitas pelo autor da «Onomastica»: *casa do branco*, que seria *karai-og*, «donde naturalmente *karaioka* e depois *karioka*». Finalmente, conclúe B. Caetano achando uma tal ou qual plausibilidade em *kaary-og*—casa da corrente do matto (20).

CARITÓ: termo que, em Pernambuco, designa cazinhola, cabana, choça, habitação de gente pobre. Registado por Beaurepaire-Rohan («Onomastica»). E' muito differente a accepção cearense: especie de prateleira feita na parede; especie de armario (21). Juvenal Galeno versejou no «Pobre Feliz»:

Caritó, girau e redes
Adornam toda a cazinha (22).

CARUÁRA: nome que os pescadores alagoanos dão ao vento de trovoada que sempre apparece em Janeiro. Refere-o Octavio Brandão á pag. 242 do seu citado volume («Onomastica»). No Ceará, diz-se dos bezerros que soffrem de traumatismo (23).

CHACARA: brasileirismo registado por Beaurepaire-Rohan e Romanguera, que nomeia uma especie de quinta nas vizinhanças das cidades ou villas («Onomastica»). Não é especie, mas, precisamente, o mesmo a que em Portugal se chama quinta. A' margem de um exemplar do «Mulato», de Aluisio de Azevedo, existente na Bibliotheca Nacional, logo depois da publicação desse livro, Baptista Caetano anotou, com visos de censura, o uso do termo chacara em vez de quinta; mas, na segunda edição, Aluisio o conservou e se defendeu do reparo de B. Caetano.

CHIMANGO: alcunha dada em Pernambuco ao partido que pedia a maioridade de Pedro II, ao partido liberal etc. («Onomastica»). No Ceará tambem houve com esta denominação um partido politico, talvez com o mesmo ideal do de Pernambuco: «os *carangueijos* fundaram o «Pedro II» sob a direcção do dr. José Fernandes Vieira, que d'então por deante foi o chefe do partido; os *chimangos*, o «Vinte tres de Julho», cuja redacção ficou confiada ao dr. José Lourenço, e reconhecia como chefe na provincia ao major João Facundo de Castro Meneses, nome, em verdade, o mais prestigioso dentre os *chimangos*, a datar da primeira administração do senador Alencar» (J. Brigido) (24). Além desse partido que, por algum tempo, se chamou tambem *Castro-Alencarino*, refere J. Brigido o *corcunda*, o *patriota*, o *carangueijo*, o *equilibrista*, o *progressista*, o *gratúdo*, o *ripardo* etc.

CORCUNDA: «os portugueses, que constituiam a classe mais poderosa dos homens publicos da provincia, pela sua fortuna, alliança com as familias da terra, e talvez pela sua maior cultura intelle-

ctual, collocaram-se em sua quasi totalidade no partido *coroinda* ou anti-independente, e foram o alvo principal das hostilidades dos *patriotas*, entre os quaes não faltava quem desejasse tirar delles uma desforra, pela participação que tiveram na reacção de 1817» (J. Brigido) (25). A «Onomasiica» está em harmonia com o que diz o velho historiographo cearense.

CRUVIANA: o sr. dr. Bernardino de Souza consigna este termo como designativo de garôa, chuvisco, no interior da Bahia, e menciona uma informação do dr. Arnaldo Pimenta da Cunha de que no Acre se chama cruviana a um vento frio que sopra de oeste, das bandas do Perú, algo de semelhante á friagem. «No Ceará, accrescenta, usam para designar o mesmo phenomeno, a voz *graviana*. Todavia, n'*Os Brilhantes* de Rodolpho Theophilo, encontramos o seguinte passo, á pag. 150: «Só se a gente fosse cururú para não sentir a *curviana*». Nunca ouvi o termo *graviana*; o que possuimos, o que tenho ouvido desde menino, é *cruviana*, significando friagem. Confirma-o R. Magalhães: frio intenso (26). E J. Brigido: friagem (27). Aliás, o exemplo de R. Theophilo concorda, porquanto, se ali se lê *curviana* é porque o escriptor queria dar a pronuncia viciada dos soldados que cercavam a casa de Jesuino Brilhante para prendê-lo.

DERRUBADA: a definição da «Onomastica» combina com a accepção cearense: córte de arvores nos terrenos virgens, com o fim de prepara-los para serem cultivados. O mesmo que bróca (R. Magalhães) (28).

ESTANCIA: termo rio-grandense do sul, que appellida o estabelecimento rural onde se cultiva a terra e principalmente se attende á criação de gado vaccum e cavallar. As *estancias* do R. G. do Sul correspondem ás fazendas do norte do Brasil («Onomastica»). Fazenda para criação de gado (R. G. do Sul); barracão onde vivem promiscuamente nume-

rosas pessôas; habitação commum. O mesmo que *cortiço* (Pará e Amazonas) (29).

ESTANCEIRO: o proprietario de uma estancia, fazendeiro («Onomastica»). Proprietario de estancia; fazendeiro (Magalhães) (30).

ESTIRÃO: trecho rectilineo do curso de um rio ou parte do curso em que elle se desenvolve numa longa recta («Onomastica»). Grande coulée rectiligne d'une rivière; etymologiquement: longue trotte (Coudreau) (31).

ESTIVA: Paus ou varas atravessados sobre um riacho ou pequeno rio, formando uma ponte tosca e pouco segura, não raras vezes. Termo geral («Onomastica»). Ponte feita de um só pau, sobre forquilhas, em terrenos alagadiços ou pantanosos (R. Magalhães) (32). A definição exacta é a da «Onomastica»; a de Magalhães traduz o que aqui chamamos—*pinguela*.

FREVÔ D'AGUA: corruptela *caipira* de fervor, fervedouro, logar do rio onde a correnteza das aguas é grande e ellas correm espumantes. Termo do nordeste, em especial do Ceará, («Onomastica»). E' outro conterraneo que nunca tive a honra de encontrar, nem na cidade, nem nos sertões e praias, nem nas serras, nem... nos rios. Em qualquer caso, porém, não passa de um plebeismo sem aprêço.

FURO: Está perfeitamente definido na «Onomastica». O dr. J. Huber, creio eu, foi até hoje quem melhor descreveu os furos de Breves. Do termo deixou o eminente botanico a seguinte elucidação: «Sob o nome de Região dos furos de Bréves deve-se comprehender a área limitada ao norte pelo furo ou mais exactamente paraná-miry de Uitaquara, a oeste pelo furo de Tajapurú e sua continuação meridional, o Tajapurúzinho, a leste pelo rio Macacos e rio dos Bréves, ao sul pelas bahias de Portel, Melgaço e dos Bocas. O conjuncto hydrographico assim delimitado corresponde á definição do «furo» propriamente dito, isto é, de uma

communicação entre o rio principal e o seu affluente, acima da confluencia definitiva» (33).

GAIOLA: tambem definido por R. Magalhães.

GODÉMES: alcunha pittoresca dada aos inglezes no Brasil («Onomastica»). No Ceará, não é isso; o inglez é, como em toda a parte, *beef*, mas *godémes* é o *box*, o murro.

GUARAPIEIRA: termo que, no Ceará, designa cabana, cazinha pequena (e porque não cazinha *grande?)*; synonymo de palhal. Registado por Catullo Cearense, á pag. 95, dos «Poemas Bravios» («Onomastica»). Este francamente não é de cá, será tão cearense quanto o proprio sr. Catullo que, na pittorêsca expressão do nosso matuto—é, não é e sendo. Antigamente, era costume dizer-se que quem vinha ao Ceará, bebia agua da Jacarécanga (que por signal é ruim) e tomava cambica de muricy ou tumbança, acabava cearense. De facto, a terra é ruim, é sêcca, é pobre, mas os que aqui chegam só saem empurrados, a muque. Desta fórma, bem póde ser tambem cearense, embora naturalizada, a guarapieira.

GUARDA-PEITO: o mesmo que capanga («Onomastica»). Não é guarda-peito, mas, sim, guarda-costas. *Guarda-peito* é, no Ceará, uma das peças da roupa de couro dos vaqueiros. Nas *Lendas e Canções Populares*, cantou Juvenal Galeno:

De véstia e perneiras, chapeu, GUARDA-PEITO,
De pelles curtidas... que lindo trajar!

E, noutra parte:

Papae, tambem quero
Contigo sair,
Com meu GUARDA-PEITO
De pell' de veado.

Em nota, explica o velho cancionista cearense:

«*Guarda-peito*—Pedaço de pelle que se ata ao pescoço e cintura; resguarda o peito ao vaqueiro e serve-lhe de collete».

IGAPÓ: termo da Amazonia, que appellida a floresta inundada por occasião das enchentes dos rios, a matta que beira os cursos dagua. Verdadeiro alagadiço ou baixada original, onde se represa e espalha o excedente das aguas dos rios, o igapó, não raro, após a inundação, se transforma em um brejal emmattagado («Onomastica»). Comparemos com outras definições de pessôas irrecusavelmente competentes e profundas conhecedoras da Amazonia. De J. Huber: «Como vimos mais acima, Herbert Smith considera os igapós de Bréves como o typo de uma região que elle chama «tide lowlands», o que significa terras baixas sujeitas ás marés. Apesar desta denominação não fazer nenhuma allusão á vegetação, parece entretanto que o seu autor queria designar com ella não só uma unidade puramente geographica mas tambem phytogeographica» (34). Do professor Orville A. Derby: «No verão ligeiras desigualdades da superficie do terreno revelam-se por um numero immenso de superficies pantanosas, que na região do campo chamam-se *baixas* e na matta igapós» (35). Ainda do pre-citado dr. J. Huber: «O termo igapó, que na lingua indigena significa: matta cheia dagua, tem sido por Martius e muitos outros autores depois, applicado para designar os terrenos de alluvião mais recentes, de fórma que entrariam nesta cathegoria em primeiro lugar as praias, onde, como expliquei, a alluvião tem o seu principio. Ora, ninguem chamará igapó a uma praia, principalmente no tempo de verão, quando esta formação está longe de ser uma matta cheia dagua. Com o nome de igapó, o indigena designa antes uma matta onde a agua fica estagnada ou retida durante muito

tempo, isto é, os trechos da matta com drenagem insufficiente. Por isso, os trechos pantanosos da terra firme são tambem chamados igapós. Com outras palavras, os igapós podem caracterizar-se, nas varzeas amazonicas, como os trechos cujo nivelamento ficou retardado, no processo da alluvião, por uma sedimentação insufficiente» (36).

JUNDÚ: denominação que em alguns Estados do sul, os naturaes dão a uma zona adjacente á praia propriamente dita etc. Rodolpho Garcia regista *nhundú*, o mesmo que jundú, usado no Rio Grande do Norte e Ceará («Onomastica»). Um illustre desconhecido.

JUPIÁ: registado por Beaurepaire-Rohan, Rodolpho Garcia e Catullo Cearense, com a significação de remoinho ou voragem que se fórma no meio dos rios etc. Derivado do tupi *y-upiá*—o que é contrario, é usado na Amazonia, no Ceará e em Matto-Grosso («Onomastica»). Por lá, póde ser; aqui, não passa de um hospede, completamente estranho.

LEVADA: Candido de Figueirêdo regista este termo como brasileirismo do norte, no sentido de collina, elevação de terreno. No interior da Bahia, tem a significação especial de rêgo que conduz aguas pluviaes para os tanques, empregando-as tambem em todo o Brasil, no sentido em que é usado em Portugal («Onomastica»). No nosso Estado, não tem o termo o sentido portuguez; é um rêgo, não para conduzir aguas para tanques, mas para irrigação de terras de cultura. R Magalhães dá-lhe uma accepção que eu desconhecia, isto é, como synonymo de *signal*: córte que se faz nas orellhas das rezes para marcá-las. Vide *assignar* (37).

LORDAÇA: á pag. 171 dos «Poemas Bravios», Catullo Cearense regista esta dicção que, no Ceará, designa estrangeiro em geral («Onomastica»). E' mais uma bravura dos «Poemas Bravios».

Lordaça não é cearense. Temos *lodáça* que significa bravata, gabolice, prosa.

MAGRÉM: no nordeste, assim appellidam os *caipiras* á estação sêcca; á estiagem prolongada, ao tempo da fome, resultante do verão inclemente («Onomastica»). Não, no Ceará; aqui, *magrém* é simples degradação do termo magreza.

MAMBIRA: synonymo de homem do campo, rustico, *caipira*, *tabareu*, matuto etc. (R. G. do Sul). Conheço este termo, empregado no Ceará para designar o tamanduá:

O sebo deste *mambira*
Eu mesmo fui arrobar,
Elle deu quatorze arrobas,
Não deu mais por não pesar.

O couro deste *mambira*,
Para quem não sabe aparar,
Deu vinte e cinco cabrestos,
Trinta cordas de laçar (38).

MANSO: appellido do seringueiro veterano, já habituado ao trabalho da extracção da borracha («Onomastica»). Diz-se do seringueiro prático ou de pessôa affeita aos costumes da terra (Pará e Amazonas) (39).

MASSAPÊ: solo residuario formado pela decomposição dos calcareos crestaceos, constituindo uma argilla compacta, anegrada, de extrema fertilidade («Onomastica»). Terrenos lamacentos de côr escura; atoleiro (Magalhães) (40). Paulo Terêncio, nos «Estudinhos Euclidianos» («Jornal do Commercio», Rio, 16 de Setembro de 1928), consigna, entre outras, a definição de Orville A. Derby: uma argilla proveniente da decomposição dos folelos sedimentares cretaceos.

MATEIRO: a definição da «Onomastica» está conforme, no que respeita á accepção amazonica, ao «Vocabulario Popular».

MOFUMBO: para Rodolpho Garcia é lugar escuso, esconderijo. Dahi o verbo—mofumbar—muito usado no nordeste com a significação de occultar, como refere Catullo Cearense nos «Poemas Bravios». Desconheço tambem este verbo; estou informado de que antigamente se usou—*amofumbar;* mofumbo, porém, é, como se sabe, uma combretacea.

MONDONGO: as definições que conheço são accordes ás dadas pelo sr. dr. Bernardino de Souza: «O rio e o lago Arary, e os pantanos collossaes do interior de Marajó, designados no local sob o temido e terrivel nome generico de «mondongos», bem como outros da serie de lagos interiores e rios que delles vão ao Atlantico, são, desde muito, sitios afamados pela grande quantidade de jacarés, que os habita, e o que ali vi com os meus proprios olhos não fez senão confirmar esta tradicional fama» (41). «Quando as baixas occupam grande extensão das campinas e são cheias de atoleiros, de ordinario occultos sob a espessura de plantas palustres, o povo as denomina *mondongos;* dá-se, porém, este nome a um extensissimo pantanal que, distando da costa norte 10 a 12 milhas, prolonga-se de oeste a éste desde as cabeceiras do rio Cururú até mui perto da costa oriental. Contém em seu seio atoleiros formidaveis, alguns lagos pequenos, diversas ilhas e sobretudo infinitas plantas palustres, principalmente *Aningas* (*Caladium arborescens)* por entre as quaes se arrastam milhões de reptis que tornam perigosa a approximação áquellas solidões» (42).

MORUNDÚ: o sr. dr. Bernardino de Souza, de acôrdo com o parecer de Theodoro Sampaio, dá esta palavra como de origem tupí e diz que o sr. Rodolpho Garcia a registou citando a sua occurrencia mais de uma vez nos autos de uma acção de demarcação de terras transcripta no «Tratado juridico pratico de medição e demarcação de terras»,

de Macedo Soares. Pois bem, commentando o artigo de Valle Cabral — «Achêgas ao estudo do folklore brasileiro», o proprio sr. Macedo Soares escreveu, logo depois: «*Murundú*: é termo bundo. *Mu,* inicial do substantivo da 1.ª classe no singular; faz o pl. regularmente, em *a,* e por excepção em *mi. Lund,* radical de saliencia, ponta redonda, coisa que brota, emerge, elevação. *Mulundú,* morrote, pequena collina, elevação de terreno, casa de cupim nos campos, monticulo ás vezes de menos de metro de altura; e tambem monte, montanha. O nosso *murundú* é só tomado no primeiro sentido, morrote ou monte, monticulo. *Mulunda,* ilha, elevação no mar ou no rio, capão de matto, como os dos nossos campos geraes. Entre Angola e Benguela demora o *murundú Zambi,* monte da apparição, da coisa do outro mundo, volcão que supponho hoje extincto, pois não o vejo mencionado em algumas geographias que aqui tenho, nem marcado nos mappas de Andriveau-Goujon (1880) e de J. Chavanne (1881), unicas cartas geraes d'Africa que possúo. A palavra *murundú* ou *morundú* é usual no Brasil desde longos annos. Numa medição de terras requerida por meu avô o capitão-mór do Cabo Frio dr. Francisco de Macedo Freire de Azevedo Coitinho, em 1806, publicada no meu «Trat. Jurid. Pract. da Medição e Demarcação das Terras» (1878), vem muitas vezes *morundú, morundú de formigas,* por cima dos quaes ia passando a agulha do piloto. Vemo-la na cantiga de embalar crianças:

João curutú,
Detraz do *murundú,*
Comei este menino
Com bolo de augú» (43).

Um pouco adeante, confirma o sr. M. S. a procedencia angolense do vocabulo e salienta o con-

traste do emprêgo, na cantiga acima, de *curutú* do tupí com *murundú* e *angú*, termos bundos. De que lado está a razão? Quem acertou: M. S. ou Th. Sampaio? No Ceará, nunca ouvi pronunciar-se a palavra *murundú*, mas sim o seu metaplasmo *mundurú*, e sempre com a mesma significação daquelloutro.

PARI: tambem definido por R. Magalhães: armadilha feita de varas para apanhar peixes.

PAROÁRA: a respeito deste termo, que conhece através dos livros de Rodolpho Theophilo e Ildefonso Albano, escreve o sr. dr. Bernardino José de Souza bello commentario que deixo de transcrever por não alongar estas já demasiado grandes, conquanto modestissimas, notas. Contudo, não quero deixar de consignar aqui que esta palavra, tida geralmente por um regionalismo do Ceará, e cuja origem ainda é pouco conhecida, deriva do tupí: «A dicção *oára* denota frequencia, estada, naturalidade; por isso se diz: *Camutá-oára*—o natural de Camutá, *Maraio-oára* o da ilha de Marajó, *Mairy-oára* cidadão, o que mora na cidade, *Pará-oára* o do Pará (44). São palavras de Francisco Raymundo Correia de Faria, coronel de engenheiros, que em diversas commissões do governo, na primeira metade do seculo passado, viveu longos annos no Amazonas, entre os indios e com elles aprendeu a falar correctamente o tupí e outros dialectos dos selvagens. Foi professor da lingua tupí no Seminario Episcopal do Pará, disciplina ali introdusida com o fim de habilitar os padres a entender-se com os catechúmenos. Para os seus alumnos, escreveu uma grammatica e um diccionario, não chegando entretanto a publicar este. Lembro-me bem que o conego Raymundo Ulysses Pennafort, vasta illustração, autor de muitas obras, profundo conhecedor da lingua indigena e, apesar disto, meio doido, nunca escreveu de outra fórma, senão *paráora*, este termo, embora nunca houvesse dito a razão por que o fazia.

PÉ-RAPADO: Usa-se no Ceará como synonymo de individuo de pouco valor, pobretão, vagabundo.

PERÙS: Magalhães menciona *perú* como espectador de jogos, bebida feita de cachaça misturada com vermouth. Ainda hoje é usado com estas accepções.

QUILOMBÓLA: habitante do *Quilombo*, negros fugidos que se refugiavam no ermo das mattas ou dos campos. Amadeu Amaral ensina que é termo literario, de que o povo nunca usou, empregando em seu lugar *canhembóra*. A' pag. 212 do vol. 10 da «Geographia do Brasil», commemorativa do 1.º Centenario da Independencia, lemos a seguinte opinião de Nelson de Senna a respeito da formação deste termo: «Aos indigenas do Brasil foi tomada a expressão *canhimbóra* para designar o negro fujão», (litteralmente *canhi-m-bóra*—«o que tem por habito fugir»). «O nome foi completamente estropiado na linguagem dos colonos dando *canhambóra* e a fórma extravagante—*calhambóla;* e, como os escravos pretos fugiam para o *Quilombo* (nome africano desse arraial ou valhacouto de captivos negros), veio a se formar o hybridismo africo-tupi *Quilombóla*, fusão do termo africano *Quilombo* e do suffixo tupí *pora* ou *bora* (alterado em *bola)*, que significa «morador». Aliás, assim horrivelmente deformado em *caiambóla, caiambóra, calhambóla* ou *carambóla*, como se achava o termo indigena *canhambóra*, foi melhor que ficasse prevalecendo o hybridismo *Quilombóla*, aproveitado até na literatura mineira pelo romancista Bernardo Guimarães, na conhecida novella—«Uma lenda de Quilombólas» («Onomastica»). Correia de Faria, na grammatica citada, menciona *Canhembóra* «o que se perde por costume, o fugião», e em nota explica: «No Rio de Janeiro, chamam *Quilombo* o lugar escondido para onde se reunem os escravos e malfeitores; que em algumas provincias chamam *mocam-*

bo e então chamam *Quilhombó-la*, o que é apanhado no *Quilombo:* a terminação da palavra *Quilombóla* faz crer que foi mudada a lêtra *r* em *l*, e que foi recebida dos indigenas, e accrescentada ao nome *Quilombo*, supprimida a ultima syllaba, *Quilombo-la*, em lugar de *Quilombora*» (45).

REBOJO: refere o sr. dr. Bernardino de Souza que, no Pará e em Goyaz, o povo tem a superstição de que o rebojo é um ser vivo que desperta á passagem das ligeiras igaras ou canôas. Henri Coudreau allude a cousa parecida: «Mais maintenant le «rebojo», anémié par la sècheresse, dort tassé dans son lit de pierres; quelques soubresauts à la surface —semblables aux moviments inconscients et inexpliqués d'une personne endormie l'eau brusquement ridée comme par une légère secousse venue de plus profond du gouffre—un bruit vague, quelque chose qui ressemble à un monstre endormi qui tressaille et donc le réveil sera terrible» (46). Carlota Carvalho, que o sabio Barão Von Paumgardtten disse ser «a brasileira de maior cultura intellectual» (47), falando do Tauhiry, assim se refere ao rebojo: «O que há são inclinações do leito causando correntezas velozes, a que chamam *rebôjo*, cousa pavorosa e grande perigo, porque póde engulir o barco» (48). Noutras passagens, a insigne escriptora fala no «formidavel rebôjo chamado «Vida Eterna» e noutro denominado «Rebôjo da Cruz», nomes que despertam a idéa de uma cousa sinistra, mortifera, especie de *lasciate ogni speranza*.

REVENCIA: Valle inferior á barragem dos açudes, refrescado pela infiltração da agua dos mesmos. Estes valles, diz Rodolpho Garcia, primeiro a registar o termo, são aproveitados durante os periodos das seccas para a lavoura. Termo muito de uso no R. G. do Norte («Onomastica»). Não somente ahi, mas em todos os Estados sujeitos ao phenomeno climico, inclusivè porventura a Bahia. Não é, porém, ao valle que as pessôas cultas cha-

mam *revencia*, e sim á propria infiltração. Os rusticos é que indifferentemente dão esse nome a uma e outra cousas. Aliás, contra esse termo se insurgiu o engenheiro Eugenio de Souza Brandão, substituindo-o pelo de *revimento*, em um folheto cujo titulo no momento me não occorre.

ROÇADO: além da significação commum deste vocabulo, em Pernambuco e noutros Estados do norte, assim se chama, particular e restrictamente, ao terreno plantado de mandioca («Onomastica»). No Ceará, não é assim; chama-se roçado ao terreno plantado de milho, feijão, arroz, algodão, mandioca e outras culturas proprias do inverno. Póde acontecer mesmo que o terreno não tenha nem um pé de mandioca e nem por isto deixa de ser roçado. Differença existe, sim, na denominação das culturas, pois somente a mandioca é que é chamada roça. Pergunte-se a um sertanejo o que elle tem no seu roçado e elle responderá, por ex.: feijão, milho e roça ou então: este anno, o milho e o feijão não deram nada, mas a roça está segura.

ROCINHA: refere V. Chermont que, no Pará, se dá este nome á casa de campo nos arrabaldes da cidade. Equivale ás roças da cidade de Salvador («Onomastica») R. Magalhães regista o termo com a significação de – chacara, pequena quinta (Pará e Amazonas) (49).

SAPOPEMA: tambem graphado *sapopemba*, *sapupema*, termo que, no norte, sebretudo na Amazonia, denomina raizes que se desenvolvem com o tronco de muitas arvores, com a fórma tabular, originando divisões em redor delle («Onomastica»). Vi esta palavra na introducção do trabalho do professor Frederico Hart, a que já fiz referencia noutra parte: «Esta floresta consiste de um numero enorme de arvores muito apertadas e muito altas, mas não de dimensões extraordinarias, havendo,

porém, aqui e acolá, um tronco gigantesco apoiado na base por grandes *sapopemas* (50). Baptista Caetano, na phrase *Aé Curupira u tucá muira sapupema* (51), lhe deu a significação de *raizes chatas*, um tanto contrária á traducção de Theodoro Sampaio--raiz esquinada, a que se dispõe em fórma de parede, citada na «Onomastica».

SAQUAREMA : alcunha do partido conservador no tempo da monarchia, oriundo do nome de uma villa da então provincia do Rio de Janeiro, que se tornou celebre na politica do paiz («Onomastica»). Tambem no Maranhão, entre 1839 e 1840, houve um partido com aquella designação, filiado provavelmente áquelle a que se refere o dr. Bernardino de Souza: «Lá se foram occultar (em Barra do Corda) familias *saquaremas* (legaes), adversarias dos *bemtevís* ou liberaes» (52).

SARAPIEIRA: diz-se assim em S. Paulo o accumulo de detrictos vegetaes que atapetam o solo das florestas. No mesmo sentido é corrente no Ceará, como se lê nos «Poemas Bravios» de Catullo Cearense» etc. («Onomastica»).

E' outro termo apanhado pelo sr. dr. Bernardino de Souza, em livros do conhecido trovador, que nunca ouvi pronunciar-se no Ceará, na accepção que se lhe empresta agora. As definições do sr. Catullo Cearense devem ser tidas sempre por suspeitas, pois, as utilizadas pelo autor da «Onomastica Geral da Geographia Brasileira», em apoio das palavras registadas neste livro, são, sem nenhuma excepção, falsamente attribuídas a este Estado. O sr. Catullo, como poeta singelo, em geral encanta ; mas, sempre que pretende ser puramente popular, é insuportavel, porque descamba no exagêro. A concepção que, pelos modos, elle tem do versejar dos nossos rusticos trovadores é que são estes meros deturpadores de palavras, em cujas estrophes se não póde encontrar sentimento, vibração, alma. Parece que o sr. Catullo pensa que é bastante ali-

nhar phrases ôcas, sem ortliographia, direi mesmo inteiramente despidas de senso, para se fazer verso popular.

O abuso do plebeismo é, no autor do «Meu sertão», um dos maiores defeitos. Porque no falar do povo se misturam os plebeismos ás palavras eruditas mais simples, de fórmas que rarissimamente se depara uma quadra com anarchia completa da prosodia, tal como é esta figurada nos versos do Sr. Catullo Cearense. No bellissimo livro de Gustavo Barroso—*Ao som da viola,* encontrarão os que desconhecem os sertões farta comprovação do meu assêrto. Além de que, mesmo deturpando as palavras, a pronuncia do sertanejo tem a sua maneira, uma certa doce ingenuidade que realça e encobre a rudeza da linguagem.

José Luis de Castro.

(1) «O Jornal». 15 de Julho de 1918. (2) Raymundo Magalhães—«Vocabulario Popular», Pará, 1911. (3) Henri Coudreau—*Voyage au Xingú*, pag. 124. (4) Voc. Pop. cit. (5) idem. (6) idem. (7) Ramalho Ortigão—«A Hollanda», pag. 36. (8) «The Century Dictionar», de W. D Whitney rev. e augment. por B. E. Smith. (9) «O rio Tocantins», por Ch. Fred. Hart, no Boletim do Muzeu paraense de Hist. Natural e Ethnographia, n. 2—Outubro de 1897. (10) «The Century Dictionar» cit. (11) Voc. Pop. cit. (12: 13, 14, 15) idem, (16) «Maravilhas da natureza na ilha de Marajó—Rio Amazonas—Conferencia pelo prof. dr. Emilio A. Goeldi, na Soc. de geographia de Berne (Suissa), em 29 de Junho de 1899, no Bl. do Muzeu Goeldi, vol. IV (?) p. 370. (17) Vocabulario indigena comparado etc., Annaes da Bibl. Nacional, 1887-1888. (18) Não posso indicar exactamente a procedencia desse excerpto, por não ter á mão a publicação donde o extrahi; presumo, porém, que é a «R. do Instituto Hist. de S. Paulo», tomo VI, p. 477. (19) Voc. pop. cit. (20) Annaes da B. Nacional do Rio de Janeiro—1876-1877, (21) Voc. Pop, cit. (22) «Lendas e Canções Populares». (23) Voc. Pop. cit. (24) «Os partidos politicos do Ceará», publ. na «Gazeta Litteraria», R. de Janeiro, 29 de Fev. de 1884, p. 206. (25) «Os part. polit. do Ceará», cit. (26) Voc. pop. cit. (27) «A Republica», Ceará. (28, 29, 30) Voc. pop. cit. (31) «Voyage au Xingú» cit., p. 46, (32) Voc. pop. cit. (33) «Contribuição á geographia phy-

sica dos furos de Breves e da parte occidental de Marajó», pelo dr. J. Huber, Bl. do M. Goeldi, t. IV (?) p. 452, (34) «Contribuição» etc. cit. p. 492. (35) «A ilha de Marajó», Bl. do M. Goeldi, v. 2, p. 164. (36) «Mattas e madeiras amazonicas», Bl. do M. Goeldi, v. 2. p. 113. (37) Voc. pop. cit. (38) Collecção de Bias Mendes, publicado no «Municipio», de Baturité. (39, (40) Voc. pop. cit. (41) Dr. E. A. Goeldi, Conferencia cit. (42) Relatorio do geographo paraense D. S. Ferreira Penna, transcripto do dr. Orville A. Derby, cit. p. 164. (43) «Notas ao Folklore Brasileiro do sr. Valle Cabral», publ. na «Gazeta Litteraria» cit. n. de 2 de Dezembro de 1884, p. 401, com a assignatura M. S. e data de Cabo Frio, 7 de Outubro. (44) Compendio da lingua brasilica para uso dos que a ella se quiserem dedicar», por F. R. C. de F. Coronel reformado do Exercito, lente da respectiva cadeira no Seminario Episcopal por mercê imperial. (45) Grammatica brasilica cit. (46) «Voyage au Xingú» cit. p. 26. (47) Juizo critico de Luis Murat a «O Sertão». (48) Subsidios para a historia e geographia do Brasil—«O Sertão»—R. de Janeiro 1924. (49) Voc. pop. cit. (50) Trabalhos restantes ineditos da Commissão geologica do Brasil 1875-1878, relativos á geologia e geographia physica do Baixo Amazonas, Bl. do M. Goeldi, cit. vol. 2, p. 161. (51) Annaes da Bibl. Nacional do R. de Janeiro 1886-1887, vol. XIV. (52) Carlota Carvalho, «O Sertão», cit. p. 76.